
O IMPÉRIO DO RIDÍCULO: A CARICATURA POLÍTICA DE RAFAEL BORDALO PINHEIRO E A MONARQUIA DO BRASIL.¹

MSc. Flávio Carreiro de Santana
(Universidade de Coimbra/Universidade Estadual Vale do Acaraú)
flacarreiro@bol.com.br

Introdução

Ocorrida no dia 15 de novembro de 1889, a República no Brasil foi largamente noticiada na imprensa portuguesa, embora certo jornal tomou-a como anúncio a ser festejado e propagado. Tratava-se do semanário humorístico e noticioso “*Os pontos nos ii*” de propriedade do caricaturista Rafael Bordalo Pinheiro.

Não era sem razão a festa de Rafael Bordalo Pinheiro em torno da proclamação da República no Brasil: republicano convicto, mas sem nunca ter se filiado ao partido, Bordalo Pinheiro divulgaria a notícia que vinha de além-mar, também com intenção de criticar o regime monárquico em Portugal.

Mas qual o motivo de tanta divulgação promovido em torno da proclamação da República no semanário “*Os pontos nos ii*”? Qual o contexto histórico português no instante da divulgação da ideia de uma república no Brasil? Como Rafael Bordalo tratou esse acontecimento em seu semanário? Que informações pretendia esse caricaturista transmitir na composição de suas imagens? Em que contexto português foi produzido essas notícias e imagens? Como a própria ideia republicana era tratada no cenário português desse instante?

Para tentar responder tais problematizações, primeiro teremos que compreender a aproximação de Rafael Bordalo Pinheiro com a própria ideia republicana em Portugal e de como, através da caricatura, ele expõe suas escolhas ideológicas no contexto social da época.

1 – Divulgação na imprensa portuguesa da República no Brasil e o semanário “Os pontos nos ii”.

A proclamação da república no Brasil foi largamente informada pela imprensa portuguesa, com variações nas temáticas ao abordar o acontecimento, e também na tônica durante o repasse da notícia, uma vez observando o lugar “político” ou “ideológico” dos

jornais. De modo geral, observando o impacto da proclamação da república no Brasil, temos nas notícias o surgimento das seguintes temáticas: 1 – as relações comerciais Brasil – Portugal, 2- a Lei da Grande Naturalização; 3 – o exílio da família imperial; 4 – o reconhecimento político de Portugal da República brasileira.

Tais temáticas variavam também na tônica das notícias a partir das tomadas de posição que compunham o público leitor e os próprios colaboradores e jornalistas. Assim, grosso modo, os jornais de influência política regeneradora trataram com certo desprezo e timidez a proclamação da República no Brasil, tomando esse acontecimento como um ato de injustiça contra a família imperial. A imprensa de verve progressista, por sua vez, mesmo sem execrá-la abertamente, também não a festejou, pois de forma tímida toleravam a ideia de uma república. Os jornais de cunho ideológico católico, mesmo tentando se eximir de maiores comprometimentos de opinião, encarou a ideia de uma república brasileira como tolice, uma vez que deveria ser preservado o respeito e manutenção às ordens, ou seja, a monarquia (BRANCATO, 2007, pp.116-117).

Diferentemente, é óbvio, trataram os jornais portugueses de cunho político republicano que acabaram fazendo da proclamação no Brasil um ato digno de ser festejado, tomando-o como exemplo a ser seguido, ou seja, a proclamação no Brasil acabou servindo como força para a militância republicana em Portugal.

De forma mais “parcial” trataram os jornais considerados “independentes” da política ou de posicionamentos ideológicos, onde se furtaram a noticiar mais os efeitos econômicos entre os dois países, uma vez que um era fiador do outro perante bancos estrangeiros. Assim, manteve-se no domínio da preocupação financeira internacional, a especulação política de uma república no Brasil perante a comunidade internacional, notadamente frente à Inglaterra, país de tradição monárquica.

O impacto da proclamação da república no Brasil não passaria indiferente a Rafael Bordalo Pinheiro. Surgindo num período de relativa liberdade de imprensa em Portugal (1866-1890), o semanário “*Os pontos nos ii*” (1885-1891) enceta o segundo periódico semanal do caricaturista, após ter sido empastelado o seu primeiro semanário o “*Antônio Maria*” (1879-1885), e nele a notícia vinda além-mar também foi noticiada, porém, em tom chistoso.

Assim como o “Antonio Maria”, o “Os pontos nos ii” também pretendia levantar críticas aos governos liberais ao passo que também incentivava à propaganda da causa republicana. Rafael Bordalo era notadamente um anticlerical e antirotativista, adepto ao livre-pensamento, cientismo, positivismo e educação laica, o que o tornava um crítico ácido das mais tradicionais instituições portuguesas (o Estado e a Igreja) (GUIMARÃES, 2007).

Porém, esse semanário dividiria a atenção do caricaturista com outra grande paixão sua: a fábrica de faianças de Caldas da Rainha, e seria entre a idealização e produção de peças populares ou de luxo em cerâmica que Rafael Bordalo investiria seu tempo no “Os pontos nos ii”, já contando com o apoio artístico do seu filho, Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, que, assim como o pai, e tomando-o como maior inspiração, já criara também o gosto pela produção de caricaturas políticas.

Em 1891, após uma revolta armada republicana na cidade do Porto, seria o “Os pontos nos ii” encerrado por Ordem Civil sob o cuidado de não incitar os leitores contra a monarquia, ou seja, empastelado por um ato de censura do Estado.

Mas qual a tônica contida nesse semanário, a ponto de ser considerada uma ameaça para o Estado? Como eram informadas as notícias, tais como aquela da proclamação da República no Brasil? É notório o importante papel de caricaturista político que Bordalo Pinheiro assumiria no cenário português, especialmente quando a intenção da imagem era fazer rir. Talvez essa tenha sido a principal ameaça que “Os pontos nos ii” representava para a Coroa portuguesa: o riso corrompia a sua imagem de instituição séria, e fazia isso da forma mais perigosa, que era a da tolerância da ridicularização, visto o escárnio que o riso produzia.

“Informar com o sorriso nos lábios”: talvez fosse essa a principal iniciativa de Rafael Bordalo, cuja marca era a prática de um jornalismo satírico. Mas por que tangenciar em torno da proclamação da República um tom jocoso nessa produção artística? Há quem agradaria tal interesse? De que Rafael Bordalo queria fazer rir? Somente se inteirando diretamente na caricaturas em “Os pontos nos ii” para entender a fórmula de sucesso e ameaça provocada pela criatividade, crítica e humor desse semanário.

2 - O tratamento dado pelo semanário “Ponto nos ii” à notícia da proclamação da República no Brasil.

Assim como a imprensa portuguesa em geral, também o semanário humorístico e noticioso “Os pontos nos ii” divulgou o acontecimento da República no Brasil. Porém, não como a maioria, o fez de modo chistoso. O tom do chiste, corroborando com a ideologia de Rafael Bordalo Pinheiro, recaiu sobre a desesperada deposição da família real do Brasil e, não por ironia do acaso, pois se tratavam de relações parentais, sua acolhida em Portugal.

O primeiro número a noticiar a proclamação se deu no dia 21 de novembro de 1889, não acompanhando caricaturas de Rafael Bordalo Pinheiro, possivelmente por ocupação em atividades junto a Fábrica de Faianças, e que lhe tomava boa parte do tempo, mas do seu filho Manuel Gustavo Bordalo que, junto ao jornalista João Risota, compuseram imagens e textos narrando os últimos acontecimentos.

As caricaturas de Manuel Gustavo Bordalo traziam naquele dia o próprio D. Pedro II conversando com João Risota, e trazia como título *Interview com o senhor Pedro de Alcântara*, já o tratando não mais como realeza, mas na condição de cidadão comum. Nesse interview (“palavra da moda”), o ex-imperador reclama das ações empreendidas na sua deposição, culpando republicanos e militares amigos.

Como é sabido, D. Pedro II foi deposto como imperador após uma ação de militares com apoio de civis republicanos. O Marechal Deodoro da Fonseca, principal líder apontado pela deposição, ao menos por ele assinado o documento oficial que bania a família real do Brasil, era pessoa próxima e admirador do imperador, e por esse fato mesmo teria relutado em levar adiante a ação de golpe de Estado.

A figura de D. Pedro II incitava tanto respeito que não foi formada nenhuma delegação militar importante para entrega do dito documento de banimento, sendo escalados apenas militares de baixa patente que fizeram a sua entrega, mas não sem antes cometerem, por duas vezes consecutivas, gafe de chamar D. Pedro II de “Vossa Majestade”.

O tom de desapontamento de D. Pedro II na caricatura de Manuel Gustavo Bordalo, não era impropriedade: o próprio imperador do Brasil não acreditava que o movimento revolucionário tomasse maiores proporções e, ainda no dia 16 de novembro teria afirmado: *“Isso é fogo de palha, conheço meus patricios... as monarquias não caem facilmente”* (SCHWARCZ, 2003, p.460).

Seguem caricaturas do imperador se despedindo do republicano Quintino Bocaiúva (único civil a desfilar entre os militares no ato da proclamação), “convidando” sua majestade

a se retirar, pois estava proclamada a República. Em tom de agradecimento, se despede D Pedro II amigavelmente, como que se pretendesse se livrar do fardo de ser Imperador do Brasil. Para a Europa, parte D. Pedro II numa canoa de papel com algumas poucas bagagens, e entre elas, sua emblemática maleta, tão popular ao conhecimento dos portugueses, e anteriormente também caricaturada por Rafael Bordalo Pinheiro em *Apontamentos sobre a pitoresca viagem do rei Rasilb a Europa* (1872).

A última caricatura desse número pretendia sintetizar as informações do acontecimento e a equação da “evolução” política: um imperador sai (cabisbaixo) e com ele a monarquia, no momento que um marechal assume o poder, e implanta a República (“*esse sim, regime evoluído*”).

No dia 28 de novembro de 1889, desta vez com mais ênfase, torna Manuel Gustavo Bordalo e João Risota a noticiar a proclamação da República no Brasil. Sob o título “*Rei morto... viva a república!*”, a figura de D. Pedro II, curvado sob uma bengala, transparece o cansaço não de um homem, mas de um monarca (e da sua monarquia decaída), seguida de outra caricatura onde o imperador do Brasil conversa com um macaco e que acompanha a emblemática frase “*moralidade do imperador: quanto mais conheço, mais gosto de macaco!*”.

Mas não era o imperador o único a ser atacado nas caricaturas de Manuel Gustavo Bordalo. Também o marechal Deodoro da Fonseca (primeiro presidente do Brasil) aparece em crítica dada à imposição de sua autoridade no ato da presidência empossada com o golpe, ato de ditador, onde todos aparecem curvados sob suas ordens, assim como curvavam em reverência ao imperador D. Pedro II. Na imagem se muda a farda e o adereço da cabeça (um com a coroa e o outro um barrete), mas se permanece a mesma atitude de submissão dos presentes “súditos”.

Como que cruzando realidades entre o trono deposto do Brasil e a atual monarquia portuguesa, Manuel Gustavo Bordalo assina uma caricatura intitulada “*Passado, presente e futuro*” onde segue na mesma ordem, abaixo de cada palavra do título, D. Pedro II sentado, cabisbaixo lamentando: “*Já tive agora não tenho*”. Ao centro, sentado no trono o imperador Carlos I afirmaria em tom feliz e impositivo, com um prato na mão (símbolo do ganha-pão do imperador): “*Tenho*”.

A figura reforça ainda os assentos de cada personagem, um sentado em cadeira comum, como sinalizando uma pessoa qualquer, enquanto o outro imperador ostenta ainda o seu trono, confortavelmente sentado. Uma cortina parece se abrir no futuro incerto, e nesse ângulo aparece o príncipe real D. Luis Felipe, com a tenra idade de dois anos e oito meses, e se perguntaria ao puxar um cavalinho de brinquedo: “Terei?”, exclamando sobre o “ganha-pão” do pai.

No dia 05 de dezembro Rafael Bordalo Pinheiro voltaria a assumir a produção das caricaturas do semanário e daria andamento à cobertura da proclamação da República no Brasil. Notadamente, percebemos a criatividade e sagacidade de Rafael Bordalo Pinheiro ao abordar o assunto através das imagens e textos.

Sob o título “*Transformação nas formulas do Brasil e seus destinos*” vemos a transmutação de um caju, símbolo da tropicalidade do império e do imperador em questão, na imagem do próprio D. Pedro II, com seu queixo protuberante. Segue-se uma nova transmutação do caju que toma a forma de um barrete frígio, numa celebração ao que se tornou (a república).

A escolha de um caju para representar D. Pedro II não é nova, e já encontrava lastro na imprensa do Brasil desde a década de 1850, onde a figuração também apareceu evocando certo “Pedro babana”, alusões que se referiam a sua “*indiferença com que o monarca encarava os negócios do Estado*” (Ibid, p.416).

Percebemos também que cada vez mais as caricaturas foram produzidas em tamanho grande onde o poder da informação acabaria sendo maior do que o excesso de traços. São imagens simples de folha inteira ou metade dela, como naquela que apareceria sob o título “*De cá para lá e de lá para cá*”. Segue duas caricaturas de uma mesma curta história, mas que se estende pela folha inteira.

Nela aparece um barco com o príncipe D. João VI, viajando sob a tormenta do mar num navio simples, chorando sua partida num lenço sujo escrito “Alcobaça”, no exílio para o Brasil em 1807. Abaixo, e já datando 1889, aparece então D. Pedro II fumando contemplativamente sob um mar calmo, a bordo de um navio a vapor (símbolo do progresso), acompanhado da sua emblemática mala de viagem, de volta a Portugal, terra de sua ancestralidade.

Na mesma edição do dia 05 de dezembro, Rafael Bordalo Pinheiro traria uma das mais impressionantes caricaturas que cobriram o episódio da proclamação da República no Brasil. Tendo como título “*Maneira de tirar dentes sem dor*”, Bordalo Pinheiro lembraria o “herói” republicano Joaquim José da Silva Xavier, vulgo Tiradentes, durante a Inconfidência Mineira (1789), e que foi morto e esquartejado por pretender promover ideias iluministas na colônia, entre elas, a de por fim ao “pacto” colonial e proclamar a independência do Brasil do domínio português.

As imagens que se seguem, duas complementares, mas de página inteira, exibem o marechal Deodoro da Fonseca e Quintino Bocaiúva dando instruções ao Marechal Deodoro da Fonseca de como arrancar o dente (figurado como D. Pedro II) da boca de um índio (representação do país), tendo na mão do marechal Deodoro um alicate escrito “Exército”.

Em seguida, e como que de modelo (ou acinte), o caricaturista apresenta o nativo com o dente na mão, aliviado pela dor de um dia tê-lo na boca, apresentando o fim do problema (a extração do imperador) a uma velha desdentada, atônita e boquiaberta. Entenda-se aqui a velha coroadada, como uma representação do velho mundo, em especial ao continente europeu, naquele instante mantenedor de regimes monárquicos, com exceção da França.

É importante entender as caricaturas de Rafael Bordalo, para compreender sua própria visão sobre o Brasil e das autoridades republicanas que ali se levantam. O Brasil apareceria como um índio, ou selvagem (tendo em contraponto o valor de civilidade), apresentando-se desmazelado diante de horrenda velha, mas coroadada. O que coroa o Brasil? Apenas um cocar de penas. Não é de se admirar essa concepção “desmazelada” ou “selvagem” apresentada por Rafael Bordalo Pinheiro sobre o Brasil. Lembremos da relação tumultuada que esse caricaturista viveu aqui quando veio trabalhar em 1875, tendo voltado à Portugal após ameaças e atentados contra a sua vida, quando da publicação de caricaturas em jornais brasileiros, principalmente contra outro caricaturista famoso, o italiano Angelo Agostini.²

Essa representação do Brasil a partir de um selvagem chega mesmo a contradizer uma série de outras caricaturas por Rafael Bordalo produzidas quando aqui chegou, onde confessaria o seu espanto com o “imenso luxo”, de elegância e suntuosidade que lhe agradam, a despeito da imagem de pretas gordas e papagaios magros, que lhe perseguiram na viagem de travessia (FRANÇA, 2007, p.71).

Já tendo desembarcado em Portugal, desde o dia 07 de dezembro de 1889, a família real brasileira aparece bailando no traço de Rafael Bordalo Pinheiro no dia 12 de dezembro. Cada um ao seu modo, em clima de festa e vestidos com roupas típicas portuguesas, toca flauta D. Pedro II (com um saco preso ao ventre escrito: “*Já sei, já sei*”, frase repetida chistosamente por Bordalo pela inteligência e pouca modéstia do imperador) e o seu genro o Conde D’Eu, tendo ao centro a princesa Isabel, com pandeiro na mão escrito “*abolição*”, por ser ela a autora da Carta de liberdade dos escravos no Brasil.

Num plano mais reservado da imagem se encontram duas figuras: a de um lavrador desconfiado que trás no peito a frase “*convicções por conta do lavrador*” em conversa com outro sujeito, nada menos que o próprio caricaturista Rafael Bordalo Pinheiro que se põe na condição de caricaturado nessa imagem.

Não é despropositada a presença da princesa Isabel e do seu esposo conde D’Eu nessa caricatura de Rafael Bordalo, visto que essas personagens foram decisivas para a ação de deposição da Monarquia no Brasil. Pairava, já antes da proclamação da República, um plano entre os militares que esperavam a morte do imperador para aplicar o golpe de Estado.

Caso não acontecesse tal golpe, o Terceiro Reinado seria herdado pela princesa Isabel e o seu consorte, o conde D’Eu, figura intrigante para muitos (ele “um francês”, “estrangeiro”), jamais absolvido pelos brasileiros (comparado a austríaca Maria Antonieta, nunca perdoada pela França), sendo acusado de ser avarento e mantenedor de negócios escusos, o que incentivara ainda mais a urgência de uma deposição por golpe.

A partir do dia 19 de dezembro o semanário “*Os pontos nos ii*” passa a cobrir também a dissensão imperialista entre Portugal e Inglaterra pela partilha da África. Assim, a presença da família real brasileira em Portugal foi eclipsada como principal notícia e teve que dividir atenção com tal acontecimento (e que posteriormente seria agravado pelo *Ultimatum* inglês), o que acabaria reduzindo ao aparecimento três breves caricaturas onde Rafael Bordalo imagina a chegada de D. Pedro II em Paris, lugar onde o imperador seria exilado até a sua morte.

Em Paris, D. Pedro II, em traje de gala, cumprimenta amigavelmente o presidente da única República da Europa, Marie François Sadi Carnot, ao passo que também em Paris, às margens do Sena, tentar pescar apoio num rio de monarquistas afundados na França, tendo como isca na ponta de sua vara, a própria coroa, como garantia de angariar poder para si.

Como que apontando mais uma vez em que interessa a proclamação da República do Brasil a Portugal, Rafael Bordalo Pinheiro traça uma caricatura publicada no “*Os pontos nos ii*” no dia 26 de dezembro. Nele aparece o imperador D. Carlos I em preparo para a sua aclamação, que ocorreria no dia 28 de dezembro e que, claro, contou com a presença do tio avô D. Pedro II.

Sob o título “*Antes da aclamação*”, D. Carlos I se adorna garbosamente para o evento, mas não sem antes lembrar ao Presidente do Conselho de Ministros, o senhor José Luciano de Castro, que aperte bem sua coroa a elásticos preso ao traje oficial. Os elásticos aparecem na caricatura como a representação da política liberal adotada pela maioria das monarquias ocidentais no século XIX, que não podiam governar de modo despótico, posto que tutelados por uma Carta Constitucional.

O medo de D. Carlos I na caricatura se refere exatamente ao exemplo do tio avô deposto do trono do Brasil por ser considerado muito “democrático” (pois teria tecido com as próprias mãos de “*filósofo caturra*” o seu elástico), tendo tolerado, inclusive, o crescente aparecimento da propaganda e partido republicano. O exemplo “*vindo por vento do através do Atlântico*” não poderia se espriar por Portugal, e deveria mesmo ser tomada como lição a alertar e balizar a política local.

Como que para completar toda a situação dramática que viveu o imperador do Brasil deposto em detrimento de uma República instaurada pela força armada de militares, e no dia da aclamação do imperador D. Carlos I de Portugal, faleceria a imperatriz D. Tereza Cristina de Bourbon-Duas Sicílias na cidade do Porto. Como de costume, Rafael Bordalo renderia homenagem a imperatriz sem trono, em seu semanário no dia 02 de janeiro de 1890.

Uma litogravura da imperatriz, e não caricatura, dava o tom sério à homenagem, acompanhado de um texto que reconhecia toda a dedicação de uma mulher ao seu marido e a pátria que acolheu, mas que de lá haveria deixado tomada por saudade, sendo essa uma das razões da sua morte, posto que a proclamação da república e o ato do banimento trouxe-lhe profunda mágoa. Mulher que ao contrário do esposo, afeito costumeiramente ao “já sei, já sei” de todo conhecimento do mundo, furtou-se ao “não sei, não sei” diante de toda gratidão que lhe era dirigida em inúmeros atos de compaixão aos “*infelizes da sua pátria*”.

Fosse pelo tom de pesar pela morte da imperatriz, ou mesmo pela aclamação recente do imperador de Portugal, Rafael Bordalo, com toda a simplicidade e ironia que evocaria para

sua arte, caricaturaria uma mão real a assinar uma mensagem escrita num livro, e que renunciaria um conselho a ser futuramente realizado: “*Cognomes: D. Carlos I, o último*”. O que acrescentaria em letras miúdas ao fim da grande página: “*Segundo as Sagradas Escrituras, os últimos serão os primeiros, e os primeiros... os últimos*”.

Conclusão

Através de tal alvitre de finitude da realeza em Portugal, tal como ocorrida no Brasil, Rafael Bordalo aproveitaria a proclamação da república para destilar sua crítica e acinte menos para o imperador D. Carlos I, e mais como forma de atingir farpas ao regime monárquico. Fosse por incitar uma ridicularização em torno da realeza portuguesa, fosse pelo grande desgaste da sua autoridade após o ultimatum inglês e o desdobramento revolucionário na cidade do Porto um ano após, “*Os pontos nos ii*” teria sua tiragem noticiosa interrompida.

Contudo, não apenas cobriria Rafael Bordalo Pinheiro os últimos instantes do Império do Brasil, como bem preconizaria o fim da existência calma do regime monárquico em Portugal em seu semanário humorístico e noticioso “*Os pontos nos ii*”. Certamente o efeito do riso marcaria de humor não apenas o fim do Brasil monárquico, como evocava um tom de crítica ácida ao presente e futuro da nação portuguesa.

Certamente, o tom dramático da trama em torno da família real não seria apenas vivido no Brasil, vinculando-se a diretamente a Portugal. Porém, ganharia pela pena e intenção chistosa de Rafael Bordalo Pinheiro, contornos menos afáveis à situação, e mais combativos ao destino monárquico em Portugal, tomando o “irmão” brasileiro como principal exemplo de como se findaria tal regime.

¹ Este artigo é uma reprodução parcial do trabalho de conclusão do Seminário *Ideologias Contemporâneas*, apresentado ao Doutor Amadeu Carvalho Homem no Doutorado em *Identidades, práticas e representações no Mundo Contemporâneo*, da Área de História Contemporânea da Universidade de Coimbra, a quem agradeço as críticas e avaliação.

² Há uma grande produção artística de Rafael Bordalo Pinheiro no Brasil na década de 1870 nos periódicos *O Mosquito* (1875-1877), *O Psit!!!* (1877) e *O Besouro* (1878-1879). A propósito da produção impressa de Rafael Bordalo ver a quadriculografia organizada pela Bedeteca de Lisboa na obra *Raphael Bordallo Pinheiro aos quadradinhos: exposição*.

Referências

Jornais

Os pontos nos ii, 21 de novembro de 1889.

Os pontos nos ii, 28 de novembro de 1889.

Os pontos nos ii, 05 de dezembro de 1889.

Os pontos nos ii, 12 de dezembro de 1889.

Os pontos nos ii, 02 de janeiro de 1890.

Bibliografias

BRANCATO, Sandra M. L. A repercussão em Portugal da implementação da República no Brasil IN: Carvalho Homem, Amadeu (et all) **Progresso e religião: a república no Brasil e em Portugal (1889-1910)**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2007.

Guimarães, Angela. **Bordallo face à um mundo em turbilhão**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1997.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **As barbas do imperador: D Pedro II, um monarca nos trópicos**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

BEDETECA DE LISBOA. **Raphael Bordallo Pinheiro aos quadradinhos: exposição**. Lisboa: Editora da Câmara Municipal, 1997.

FRANÇA, José Augusto. **Rafael Bordalo Pinheiro: o português tal e qual**. Lisboa: Livros Horizonte, 2007.